

**EIS UM INSETO MONSTRUOSO: A METAMORFOSE DE GREGOR SAMSA COMO
INSUBMISSÃO À LEI**

A MONSTROUS INSECT: GREGOR SAMSA'S METAMORPHOSIS AS RESISTANCE TO THE LAW

Lidiany Caixeta de Lima¹

RESUMO: O objetivo deste trabalho é analisar a metamorfose do personagem Gregor Samsa como uma forma de insubmissão à lei (compreendida como o conjunto de normas jurídicas e sociais). A respeito das metamorfoses em Kafka comportarem uma forma de subversão à ordem socialmente estabelecida, François Ost (2004) assinala que em Kafka a metamorfose em animal ou de hibridação homem-animal encontra um desregramento da função simbólica, evidenciado pela relação do sujeito com o regulamento e a lei. Portanto, esses personagens de Franz Kafka, imersos em situações que se traduziram em metamorfoses, afetam o leitor em sua postura com relação aos absurdos do cotidiano, dos quais o discurso jurídico e o sistema judicial fazem parte. O leitor, espantado ou indignado frente aos personagens metamorfoseados de Kafka, pode ser trazido à reflexão sobre a própria atitude diante do mundo. A aparente resignação com que os personagens Kafkianos suportam viver em um mundo tão degradante e absurdo sem se rebelar pode abalar o jurista como leitor. Mas suportar essa vivência de opressão, familiar, burocrática e social, como no caso de Gregor Samsa, parece ser o grito de revolta (insubmissão), ainda que sufocado nas linhas literárias de Franz Kafka.

PALAVRAS-CHAVE: Direito e literatura, metamorfoses, discurso jurídico, corpo, Franz Kafka.

ABSTRACT: This study analyzes Gregor Samsa's metamorphosis in Franz Kafka's *The Metamorphosis* as a manifestation of insubordination to the law, encompassing both legal and social norms. Drawing on the theoretical framework of François Ost (2004), the research explores how the disruption of the symbolic function—manifested through human-animal hybridization—challenges the subject's relationship with regulations and established legal orders. It argues that Kafka's characters, through their transformative experiences, confront the reader with the absurdity of everyday life, specifically within legal discourse and the judicial system. Furthermore, the paper examines how the apparent resignation of Kafkaesque characters serves to unsettle the legal scholar as a reader, prompting a deeper reflection on one's stance toward a degrading world. Ultimately, it suggests that Gregor Samsa's endurance of familial, bureaucratic, and social oppression represents a stifled yet potent cry of revolt and insubordination within the literary narrative.

KEYWORDS: Law and Literature; Metamorphosis; Legal Discourse; The Body; Franz Kafka.

1 INTRODUÇÃO

¹ Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, MG, Brasil. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5355279436883491>. E-mail: lidianycaixeta@gmail.com.

Franz Kafka (1883-1924) é considerado pela crítica especializada um dos mais importantes autores da literatura mundial. Seu complexo universo literário possui características densas e tão peculiares que motivou o surgimento do adjetivo *kafkiano* para tudo aquilo que nos escapa um sentido ou que não nos enseja qualquer plausibilidade. Em sua obra, a forma por ele utilizada para mimetizar a realidade faz emergir discussões polêmicas acerca do Direito e da justiça, da política e de outras questões sociais e existenciais fortemente abaladas pelos inúmeros acontecimentos do mundo contemporâneo.

As obras de Kafka foram escritas em um período histórico conturbado devido a crises relacionadas ao mundo moderno. O período de Guerras, sua preparação e consequências, deixou marcas profundas nas principais nações europeias do século XX e nas populações.

Sobre isso, o filósofo Giorgio Agamben, no texto “Defesa de Kafka contra os seus intérpretes” (1999), destaca que a obra literária de Franz Kafka articula tradição e contemporaneidade. Nas palavras do filósofo, “sendo inexplicável, ele permanece como tal em todas as explicações que dele foram dadas e continuarão a sê-lo nos séculos vindouros” (Agamben, 1999, p. 135).

Consoante Lima (2021), ao ler Kafka nos dias de hoje, o leitor pode conectar-se às problemáticas presentes nos textos do autor, datados das primeiras décadas do século XX. Isso se deve à capacidade dos escritos de Kafka de suscitar inquietações que continuam relevantes. Para os juristas como leitores de Franz Kafka interessam os paradigmas sociojurídicos presentes no universo literário do autor. As metamorfoses dos personagens kafkianos, por exemplo, conseguem ressoar de maneira atemporal, permitindo que os leitores contemporâneos se identifiquem com as profundas indagações e reflexões que essas transformações provocam.

2 GREGOR SAMSA VIRA BICHO

A metamorfose é uma das obras mais conhecidas e estudadas de Franz Kafka. A obra foi publicada pela primeira vez em 1915 e constitui-se em uma narrativa insólita que explora, de forma singular, temas existenciais da condição humana. Assim, o enredo gira em torno das problemáticas vivenciadas por Gregor Samsa, que acorda certa manhã transformado em um inseto grotesco.

A metamorfose conta a história de um jovem transformado em um inseto monstruoso, iniciando a narrativa com o personagem já metamorfoseado: “Quando certa manhã Gregor Samsa² acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso” (Kafka, 2006, p. 33). Gregor Samsa acordou em sua cama transmutado em um grande inseto, com costas duras, revestidas por um casco, ventre marrom abaulado, com múltiplas patinhas finas que se mexiam incessantemente apesar de não ser essa sua vontade.

Ao acordar, Gregor permaneceu na sua cama, talvez esperando que fosse apenas mais um pesadelo ou uma alucinação. O personagem ainda se lembra de sua rotina, do horário da partida do trem, demonstrando preocupação com sua vida profissional como caixeiro-viajante, que até aquele acontecimento não faltara um só dia ao trabalho.

Ainda que fosse um empregado de uma empresa privada, Gregor Samsa possuía características similares aos personagens funcionários públicos burocratas descritos por Franz Kafka em outras obras suas. À semelhança dos funcionários, Gregor tinha uma rotina metódica, obedecia servilmente à hierarquia e agia de certo modo movido por um automatismo da sua profissão subalterna de caixeiro-viajante. Entretanto, ao se tornar um bicho, a rotina automatizada de Gregor foi rompida, pois ele teve de lidar com esse novo corpo monstruoso, quando acordou e viu o próprio corpo transformado em um inseto com dorso rijo e várias patas.

² Algumas traduções de “A metamorfose”, de Franz Kafka, para o português nominam o personagem Gregor Samsa como Gregório Samsa. Mantém-se a opção do tradutor Modesto Carone por Gregor Samsa.

A estranheza e a dificuldade de Gregor Samsa em se reconhecer neste novo corpo provocam o atraso para o trabalho do caixeiro-viajante, o que leva o gerente da empresa até a casa dos Samsa, a fim de alertar o funcionário sobre o risco de perder seu emprego. Apesar da insistência do chefe e de sua família, Gregor se mantém no quarto. A família impaciente e o gerente chamam por Gregor, que responde com frases ininteligíveis, o que a família e seu chefe reconhecem como grunhidos de um animal. Ao ver Gregor metamorfoseado em inseto, o chefe foge tomado pelo horror. E a família mantém Gregor em seu quarto afastado do mundo exterior.

Apesar de manter a consciência humana, Gregor parece ter assumido sua forma animal, pois, uma vez metamorfoseado em inseto, Gregor passou a agir como um inseto agiria: ele se alimentava dos restos de comida que sua irmã coloca debaixo da porta, envoltos num jornal, e ele também passeava pelas paredes do quarto. À noite, quando a família se reunia, ele permanecia em seu quarto, mesmo com a porta entreaberta.

A forma monstruosa e as atitudes de um inseto tornaram Gregor um peso desnecessário e um ser desprezível para a família. Somente a irmã Grete se aproxima dele com única intenção de alimentá-lo. A família, ao descobrir a condição em que Gregor se encontrava, percebe que ele não contribuiria mais com o sustento da casa. Até então, o pai, a mãe e a irmã mais nova dependiam financeiramente de Gregor. A partir do momento em que o personagem inseto não podia ser mais o provedor da casa, ele não possuía serventia para os parentes.

A metamorfose foi escrita em 1912, portanto, dois anos antes do início da Primeira Guerra Mundial, e publicada em 1915, durante a Primeira Guerra. A atmosfera de incredulidade e pessimismo que envolvia a Europa é um cenário no qual a obra parece estar inserida. Pelo envolvimento com a trajetória de Gregor Samsa, a narrativa provoca o leitor para uma reflexão sobre a própria existência, com questionamentos acerca da condição humana, de um sentimento de impotência do indivíduo frente à família e à sociedade.

No ensaio “O mundo demoníaco de Kafka” (1964, p. 21), Léo Gilson Ribeiro tece o seguinte comentário sobre a metamorfose de Gregor Samsa: “A forma de inseto é o símbolo do conflito entre ele próprio e o mundo que o circunda, ele se torna monstruoso diante de si mesmo porque nunca se realizara como indivíduo e é monstruoso diante de sua família porque abandona seus deveres filiais e familiares”.

Em *A metamorfose*, o elemento fantástico da metamorfose norteia a história do jovem caixeiro-viajante, desvelando ao leitor a incapacidade de adaptação de Gregor e sua família à sua atual condição. Atividades antes rotineiras como levantar da cama, caminhar ou conversar não podem ser executadas pelo inseto. A incapacidade para o trabalho coloca Gregor em uma posição de sujeito sem valor em uma sociedade capitalista que explora o trabalhador até a exaustão. Uma possibilidade de compreensão desta narrativa seria a denúncia de uma sociedade em que somente o indivíduo que trabalha e, portanto, produz tem seu valor reconhecido pela família e pelo corpo social.

Para o leitor de *A metamorfose*, incomoda a reação dos outros personagens quando testemunham a bizarra condição do protagonista mais do que não saber a motivação para a metamorfose de Gregor Samsa. Para o personagem principal, o incômodo não estava em ter se transmutado em um inseto, mas faltar ao trabalho de caixeiro-viajante: Gregor se preocupa com sua obrigação de trabalhador, com o horário e com o chefe, apesar de mal conseguir se mexer na cama após acordar como um inseto. Aparentemente, Gregor se definia pelo trabalho e por sustentar financeiramente a família. Na narrativa, há uma referência ao trabalhador assalariado, que se encontra preso a um sistema rígido de tarefas e subordinação.

Em um mundo imaginário improvável, que marca as narrativas de Franz Kafka, emerge o termo kafkiano, característico de todo esse universo particular e absurdo. Conforme comenta Ribeiro (1964, p. 26), a narrativa de *A metamorfose* “dá ao pesadelo foros de realidade inegável. No cosmos kafkiano tudo é possível, o medonho, o absurdo, a loucura, a crueldade, a injustiça”. O leitor acompanha a história de Gregor Samsa, que acorda de sonhos

intranquilos e se vê em um pesadelo, por meio de um narrador impessoal, que se refere ao protagonista aos outros personagens, com um olhar que comprova que se trata de fato do inseto Gregor e não mais de um homem, e desqualifica a hipótese de alucinação ou sonho.

No texto “Uma barata é uma barata, uma barata” (1965), o crítico literário Roberto Schwarz faz o seguinte comentário a respeito da metamorfose de Gregor Samsa:

A metamorfose em bicho não seria coisa nova na literatura, contanto que reversível, ou, ao menos, justa. A de Kafka distingue-se por não ser nem uma nem outra coisa. A besta, quando amada, volta a ser príncipe e desposa a bela desprendida. Gregor, a barata, não é amado por ninguém, não volta a ser o pobre caixeiro-viajante que havia sido, e o desprendimento dos outros, embora apareça, é fruto somente de sua imaginação (Schwarz, 1965, p. 43).

A narrativa não explica o porquê da metamorfose de Gregor Samsa, que simplesmente aconteceu. Ao que parece, não há motivos aparentes para a transmutação de Gregor Samsa em inseto monstruoso, isto é, não há bruxa que lançou a ele um feitiço, ou uma vingança de algum deus impiedoso, ou um ainda superpoder intrínseco de mutação do próprio personagem. A narrativa de Franz Kafka não especula quaisquer possibilidades para a mudança corporal e consequentes alterações psicológicas e relacionais do personagem. Até a metamorfose, Gregor era um rapaz trabalhador, respeitado, amado pela família. Depois, o personagem se transformou em um monstruoso inseto, sendo tratado com o mesmo desprezo que os seres humanos tratam os insetos, a exemplo das baratas.

Conforme Schwarz (1965), o destino de Gregor é selado pela metamorfose em inseto asqueroso³ e não há como desfazer a transformação, pois não existe a mais remota possibilidade de voltar a ser outra vez homem, cujo entrave é a própria forma inumana, e contra essa barreira todos os atos do próprio Gregor são ineficazes. A morte de Gregor também marca um reinício na vida da família, com os pais observando que a filha Greta está se

³ No ensaio “Uma barata é uma barata, uma barata” (1965), Roberto Schwarz explica a opção pelo termo em português “barata” ao se referir ao ser no qual Gregor Samsa se tornou, como sendo para conservar na tradução a violência do original alemão *Ungeziefer*, “inseto daninho”.

tornando moça e que em breve terá um marido. No entendimento do teórico, em *A metamorfose*, a subjetividade foi dissolvida por condições exteriores, em que um homem vale por sua posição social, isto é, pela função que ocupa. O gerente não tem nome próprio, é o chefe de Gregor Samsa e nada mais. E o pai e a mãe de Gregor não têm prenomes.

A metamorfose de Gregor Samsa instala oposições entre o humano e o animal, entre o lógico e o absurdo, entre familiar e o estranho. Uma vez transmutado em inseto gigantesco, Gregor mantém uma consciência humana e um aspecto corporal animalesco, figurando uma oposição entre o humano e o animal. Como não há motivação alguma que dê causa à transformação em animal, uma oposição entre o que seria lógico e absurdo emerge. Transfigurado em animal, Gregor não deixa de ser familiar a seus parentes, pois ainda é o filho e o irmão. Mas Gregor é um estranho, porque sua compleição física não é mais a mesma e nem seus hábitos, o que pode ser considerado a instauração de um paradoxo entre o familiar e estranho. Estas ambiguidades mantêm o interesse do leitor na leitura da narrativa até seu desenlace.

No caso de Gregor, o pesadelo continua após acordar de sonhos intranquilos, com a tentativa do protagonista de se ajustar à nova forma e continuar com sua vida cotidiana resultando em tensões crescentes. Apesar dos esforços iniciais dos parentes em ajudá-lo, a repulsa e o isolamento gradualmente prevalecem. Gregor, antes o principal provedor familiar, vê sua incapacidade de trabalhar normalmente levar a um declínio financeiro, transformando-o de um membro a um estorvo da família. Confinado a um pequeno espaço após a remoção dos móveis do quarto pela irmã, o protagonista é ferido acidentalmente por seu pai, atingido por uma maçã durante uma discussão, agravando ainda mais sua condição. A narrativa culmina na aniquilação de Gregor, vista pela família como um alívio, pois se encontrava livre do fardo financeiro e emocional que ele se tornara. No ensaio “Kafka: pró & contra” (1993), Günther Anders comenta sobre a escrita de Franz Kafka:

Kafka desloucha a aparência aparentemente normal do nosso mundo louco, para tornar visível sua loucura. Manipula, contudo, essa aparência louca

como algo muito normal e, com isso, descreve até mesmo o fato louco de que o mundo louco seja considerado normal (Anders, 1993, p. 15).

Anders (1993) destaca a maneira com que o contexto social e histórico se apresenta nos textos literários, de uma forma menos óbvia, que cria possibilidades de o leitor, interagindo com a narrativa kafkiana, confrontá-la com o mundo à sua volta.

Segundo o teórico Theodor Adorno, no ensaio “Anotações sobre Kafka” (1998, p. 242), “a autoridade de Kafka é a dos textos. Somente a fidelidade à letra pode ajudar, e não a compreensão orientada. Em uma escrita que continuamente obscurece e esconde o que quer dizer, todo enunciado determinado contrabalança a cláusula geral da indeterminação”. O filósofo sugere uma entrada no universo literário de Franz Kafka, a partir do próprio texto literário, que, ao mesmo tempo, deixa lacunas a serem preenchidas pelo leitor.

A narrativa de *A metamorfose* pode ser interpretada como uma crítica à sociedade burocrática e alienante do início do século XX. A falta de compreensão e empatia dos personagens principais reflete aspectos da desumanização inerente a certos sistemas sociais, destacando a dificuldade de aceitação do diferente. *A metamorfose* mergulha o leitor em questões existenciais, oferecendo uma visão única da condição humana, bem como evidencia sua complexidade literária e riqueza simbólica, que continuam a fascinar leitores e estudiosos.

O poeta e crítico literário Maurice Blanchot, no texto de “Kafka a Kafka” (2024), comenta que em *A metamorfose*, Gregor Samsa e o leitor se veem em um contexto de esperança e desamparo. No seu íntimo, esse leitor espera que algo extraordinário aconteça e salve o protagonista da sua condição de animal. Ou espera que o personagem reaja de alguma forma para se livrar de seu infortúnio, pois, sendo Gregor um inseto, talvez ele tenha asas que sejam capazes de fazê-lo voar para longe dali. Ou, com suas múltiplas patinhas, ele possa se valer delas e sumir para algum outro canto que não aquele quarto e aquela casa dos Samsa. Mas nada disso acontece, o desamparo permeia a narrativa e se instala em Gregor e no

próprio leitor. Sozinho e resignado, Gregor permanece trancado e escondido no quarto, dependendo de seus familiares.

A metamorfose de Gregor parece resultar em uma desintegração de sua identidade humana, pois ele se torna uma criatura indefinida, desafiando noções convencionais de identidade e normalidade. A reação inicial de Gregor à sua própria monstruosidade é surpreendentemente calma. Sua aceitação aparente pode sugerir uma autopercepção prévia de inadequação ou alienação em sua vida pré-metamorfose.

O corpo metamórfico de Gregor Samsa pode ser compreendido como uma representação da monstruosidade interior e exterior, questionando ideias de identidade e normalidade. Além disso, observa-se uma crítica à sociedade diante do que é considerado “anormal” ou “diferente” e sobre a construção social do conceito de “monstro”.

A reação da família de Gregor à sua metamorfose destaca a incapacidade da sociedade em lidar com o que é considerado “anormal”, “monstruoso” ou “diferente”. De início, a família inicialmente busca ajudar, mas logo a repulsa e o isolamento predominam. A dinâmica familiar sofre com a mudança drástica após a metamorfose de Gregor, que passa a ser encarado como ameaça à normalidade e à estabilidade financeira do lar, transformando-o em uma espécie de monstro doméstico.

A monstruosidade de Gregor Samsa em *A metamorfose* é um tema central que permite várias interpretações. Sua transformação em um inseto gigante é, em si, uma manifestação física de sua monstruosidade, contudo, o significado transcende a mera mudança de aparência. Esse processo pode ser compreendido como uma metáfora para a incompreensão e a monstruosidade interior que ele experimenta. Sua incapacidade de se comunicar com sua família, o consequente isolamento e a perda de sua humanidade são elementos importantes nessa análise.

Mabel Moraña, na obra *El monstruo como máquina de guerra* (2017), detalha o monstro como uma categoria de classificação do não-humano. Caracterizada por um histórico de associação com o demoníaco, a categoria monstro legitimaria a violência contra pessoas e grupos que são considerados monstruosos. Segundo a autora, o monstro é, na cultura ocidental, na maioria das vezes, um inimigo que deve ser destruído; e a própria evocação do monstro é motivo de incômodo. O monstro pode ser entendido como o oposto de “ser humano”. E a noção de monstro e monstruosidade é construída social e historicamente, não há, portanto, uma essência universal e atemporal do monstro. Sendo assim, o humano em oposição ao monstro, tal categorização desvela que a humanidade não é absoluta ou definitiva, mas se constitui no contexto social e histórico, de maneira não-linear no tempo e no espaço.

No narrativa *A metamorfose*, Gregor, antes um trabalhador exemplar, se encontra repentinamente preso em um corpo imenso, largo e desajeitado, com patas finas e incontroláveis. O personagem se tornou um ser isolado, em sua solidão e fragilidade, apesar de seu tamanho, devido à feiura e ao medo que provocava nas pessoas a seu redor, seus familiares, os hóspedes e seu chefe.

Ribeiro (1964) analisa a metamorfose de Gregor Samsa como uma dicotomia entre o ser monstro e o ser humano. Segundo o crítico, depois de despertar de sonhos agitados, Gregor Samsa se encontrou em sua cama transformado num gigantesco inseto. O personagem estava deitado sobre suas costas duras revestidas de um casco, com um ventre marrom, arredondado e cortado por anquiloses, possuidor de múltiplas pernas agitadas e finas em comparação com as dimensões de seu corpo. À família e ao chefe, Gregor Samsa responde com frases que a ele parecem normais, mas as pessoas reconhecem como sons emitidos por um animal.

Com o passar do tempo, Gregor assumiu sua nova condição de monstro: ele passeava pelas paredes do quarto e se alimentava de restos de comida que sua irmã lhe deixa sob a

porta, envoltos em um jornal. Toda noite, Gregor observava, através da porta entreaberta, a família reunida à mesa. Gradualmente, Gregor Samsa vai se esquecendo de que um dia foi um ser humano.

Entretanto, em uma noite em que sua irmã tocou o violino, Gregor ultrapassou o batente da porta de seu quarto, causando horror aos hóspedes, que abandonaram a casa dos Samsa imediatamente. O pai de Gregor ficou enfurecido, pois o inseto transgredira as regras que lhe foram impostas depois, após a metamorfose. Com a música Gregor se emociona, pois há tempo não escutava a irmã tocando o instrumento. Foi a música que despertou novamente o lado humano em Gregor Samsa, mas também foi essa arte que lhe ocasionou a destruição. O pai lhe jogou uma maçã que ficou cravada e apodrecendo nas costas do homem-animal. O trecho de *A metamorfose* traz a seguinte reflexão ao leitor: “Era ele um animal, uma vez que a música o tocava tanto?” (Kafka, 2006, p. 87).

Conforme Ribeiro (1964), ao passar dos dias, com a ameaça da miséria da família, a angústia de Gregor, juntamente com seu sentimento de culpa por não mais conseguir sustentar os pais e a irmã, tiram de Gregor a fome, o sono e sua paz. Finalmente, o monstro morreu e o inseto foi recolhido pela criada, que jogou Gregor no lixo sem nenhuma cerimônia.

O monstro não perde seu caráter transgressivo, com seu corpo desajeitado, suas partes descobertas e seu tamanho sempre avantajado, medido não pela altura ou largura, mas pelo desconforto que provoca (Moraña, 2017). Depois da morte do monstro Gregor, a família se sentiu aliviada, e seguiu o curso da vida. O monstro Gregor demonstrou que é possível resistir e existir em um outro corpo, já que o corpo “humano” não lhe comportava mais. No ensaio “Kafka: por uma literatura menor” (2017), Deleuze e Guattari analisam a transformação de Gregor em *A metamorfose*:

Gregor torna-se barata, não apenas para fugir a seu pai, mas antes, para encontrar uma saída lá onde seu pai não soube encontrá-la, para fugir ao gerente, ao comércio e aos burocratas, para atingir esta região onde a voz apenas zumbe [...] todo o devir-animal de Gregor, seu devir coleóptero,

escaravelho, besouro, barata, que traça a linha de fuga intensa com relação ao triângulo familiar, mas, sobretudo, com relação ao triângulo burocrático e comercial (Deleuze; Guattari, 2017, p. 28-30).

Pouco provável que os parentes, o chefe e a sociedade reagissem com tranquilidade ao ver Gregor transformado em um inseto gigante. A família de Gregor não conseguiu vencer seu nojo pelo monstro e amá-lo na sua forma presente, recordando-se apenas do Gregor humano. O inseto imenso morre pela ausência de amor e de compreensão de seus parentes. A família burguesa de Gregor Samsa não consegue ultrapassar a aparência e enxergar a essência que se mantém no filho/irmão.

Uma vez sendo um inseto, Gregor começou a se adaptar ao novo corpo e passou a tentar explorar as habilidades que o corpo de inseto lhe possibilita, sua audição mais aguçada, seus hábitos parecem estar de acordo com os de um invertebrado. O seguinte trecho de *A metamorfose* mostra o conflito entre o instinto animal e o desejo de manter as características humanas que ainda lhe restavam.

Nesse conflito, Gregor Samsa tenta ser forte para não se entregar à sua desumanização, deixando-se levar pelo comportamento instintivo dos insetos. A noção de humanidade, assim como a de monstruosidade, no contexto da narrativa de *A metamorfose*, revela uma crítica à família burguesa, como é a de Gregor Samsa, que valoriza a aparência vazia e rígida, desde que as contas estejam pagas. Em *A metamorfose*, a monstruosidade também é uma potência que pode ser acessível ao leitor por meio da interação com este texto literário.

No texto “Metafenomenologia da monstruosidade: o devir-monstro” (2000), José Gil comenta o caráter monstruoso do corpóreo. O autor discorre a respeito da materialidade corpórea, apontando para o devir, para a transformação. Segundo Gil (2000, p. 168), “os monstros, felizmente, existem não para nos mostrar o que não somos, mas o que poderíamos

ser”. Ou seja, o autor considera o devir-monstro como uma potência, uma possibilidade de experimentação imaginária para o leitor.

O conceito de monstruoso apresentado por Gil (2000) é relevante para pensar a metamorfose de Gregor Samsa, pois considera que monstruosidade é como algo que escapa à racionalidade, com caráter fronteiro. Gil (2000) comenta que, em última análise, o ser humano procura no monstruoso uma imagem estável de si mesmo. Dessa forma, a monstruosidade seria um ponto de fuga do devir-inumano, pois o monstro residiria na fronteira entre humano e não-humano. Conforme Gil (2000), o fenômeno da monstruosidade prova desestabilização. A monstruosidade desestabiliza a representação, a noção de identidade e o olhar. Ao desestabilizar a representação e a identidade, o olhar é desviado para observar o corpo monstruoso e anômalo.

A metamorfose de Gregor Samsa impõe uma nova ordem, com seu outro corpo e hábitos de um inseto. As deformidades corporais que o personagem apresenta provocam reações de repulsa, horror e desconforto nos demais personagens e no próprio leitor. A nova condição de inseto de Gregor entra em conflito com os ideais burgueses, de trabalho, padronização e beleza, que levam Gregor à exclusão e ao confinamento em espaços de disciplinamento.

O monstruoso perpassa o corpo de Gregor Samsa, de uma maneira que não é possível evitar, como leitores. O inseto incomoda, perturba e interroga e se impõe como uma potencialidade de si mesmo, como materialidade corpórea. O corpo monstruoso de Gregor é um espaço de produção de uma subjetividade particular que acaba por gerar contestação de regras sociais, na medida em que Gregor não é mais capaz de ser o funcionário exemplar e responsável pelo sustento de sua família.

A monstruosidade de Gregor também pode ser interpretada como uma crítica social, apontando para a desumanização presente no modo de vida capitalista, onde um coletivo valoriza a utilidade e a normalidade dos indivíduos, em detrimento da empatia. A

monstruosidade do inseto gigante, no qual Gregor Samsa se transforma, pode simbolicamente representar outros aspectos da vida do protagonista, como a pressão do trabalho, a falta de satisfação pessoal e a incapacidade de se ajustar às expectativas externas.

No que concerne ao debate em torno de imperfeições anatômicas, diversos teóricos abordam-na de maneiras diversas, explorando-a em contextos como literatura, filosofia, psicanálise e estudos culturais. A definição do termo “monstro” pode variar dependendo do contexto em que ele é empregado. Geralmente, um monstro é descrito como uma criatura — real ou imaginária —notável por sua aparência ou comportamento atípico, frequentemente associado a características assustadoras ou incomuns. Na tradição literária, os monstros são, muitas vezes, retratados como seres aterrorizantes, ligados a mitos, lendas ou ficção de horror. Tais criaturas podem apresentar características físicas incomuns, como tamanho gigantesco, formas grotescas ou habilidades sobrenaturais.

Os monstros também podem ser considerados como anomalias, desvios da norma, seja na natureza, seja na sociedade. Isso pode incluir mutações genéticas ou mesmo figuras humanas que desafiam as convenções sociais. Assim, a ocorrência da metamorfose de Gregor Samsa pode ser interpretada pelo viés da interdisciplinaridade, permitindo observar o impacto das possíveis relações entre direito e literatura no imaginário dos juristas.

3 METAMORFOSE COMO INSUBMISSÃO

A concepção de metamorfose assume uma relevância ímpar, funcionando como um elemento intrínseco à exploração de temas complexos e à representação da condição humana. Em diferentes obras que a trazem como eixo, ela transcende o mero aspecto físico de transformação e adquire um significado simbólico profundo. Com isso, ela tem sido utilizada pelos escritores como uma ferramenta narrativa, a fim de explorar a volatilidade da identidade, a natureza mutável das relações humanas, bem como a ambiguidade da existência.

O termo “metamorfose” refere-se à transmutação, envolvendo mudanças de forma, natureza ou estrutura do ser. Um exemplo a ser apontado relaciona-se à obra *Metamorfoses*, de Ovídio, em que são narradas várias mudanças das formas, resultando na emergência de novos corpos, os quais, embora se apresentem transmutados em sua aparência, findam por manter uma continuidade da essência do ser. Uma metamorfose pode ser definida como a transformação de caráter metaempírico, ou seja, sobrenatural, que altera significativamente a aparência do ser.

No ensaio *Franz Kafka: sonhador insubmisso* (2005), Michael Löwy tece sua análise da obra de Franz Kafka a partir do “fascinante poder de insubmissão” de Kafka, relacionando a vida e obra do escritor tcheco à existência de uma “sensibilidade libertária e antiautoritária”, demonstrando uma contestação da autoridade e da submissão às regras e regulamentos sociais. O crítico se questiona: “Pode-se ainda dizer algo novo sobre Kafka? Este livro aposta nisso. Parece-me, com efeito, que é tempo de lançar sobre essa obra um olhar diferente, para captar seu fascinante poder de insubmissão”. Michael Löwy (2005, p. 12) articula “uma tentativa de pôr em evidência a dimensão formidavelmente crítica e subversiva da obra de Kafka, redescobrimo nas narrativas de Kafka temas atuais e a insubmissão do escritor”. Segundo Löwy:

Kafka estava longe de ser um “anarquista”, mas o antiautoritarismo — de origem romântica e libertária — atravessa o conjunto de sua obra romântica e libertária, num movimento de universalização e de abstração crescente do poder: da autoridade paterna e pessoal até a autoridade administrativa e anônima (Löwy, 2005, p. 59).

Löwy (2005) comenta que a literatura de Franz Kafka possui um *ethos* libertário, situado na recusa de um mundo desprovido de liberdade. Kafka apresenta a civilização moderna como um mundo infernal, um mundo de mentiras que deveria ser abolido e substituído pela liberdade, e por um mundo de verdades. Nesse sentido, Löwy assinala que os textos kafkianos são um aporte fundamental para o entendimento da opressão e do absurdo na “reificação burocrática tal como são vividos pelas pessoas comuns” (Löwy, 2005, p. 204).

Löwy defende que a “contribuição de Kafka, pelos meios da literatura, é um universo imaginário singular, que não ‘reflete’ a realidade, mas a ilumina com uma luz nova, incomparavelmente poderosa” (Löwy, 2005, p. 204). No entendimento de Löwy (2005), a obra kafkiana tece uma crítica ao mundo capitalista, que pode ser percebida por meio da atmosfera, que mostra um capitalismo que é burocratizado, desumanizador, que mutila corpos e destrói a sanidade das mentes.

Em *A metamorfose*, Gregor Samsa, antes da metamorfose, é um caixeiro-viajante exemplar. Após o ocorrido, ele não pode mais se dedicar a seu trabalho e sustentar sua família. Os familiares de Gregor, que antes não trabalhavam, passam a ocupar lugar na massa de trabalhadores das cidades. Isolado em seu quarto, Gregor é um inseto que não pode mais trabalhar, então, ele acaba morto e varrido para longe da vida de sua família. Essas metamorfoses tratam de um mundo desumanizado, no qual a literatura pode ter o papel de despertar a crítica do leitor. Löwy (2005) descortina o “poder de insubmissão” nos textos de Kafka, ao romper com o cânone da literatura realista:

[...] os escritos de Kafka, escritor insólito por excelência, fazem explodir o cânone clássico da literatura realista, exatamente por causa de sua estranha atmosfera onírica. Isso não quer dizer que eles não tenham relação com a realidade: entre as duas esferas, o sonho e a vigília, parece se estabelecer algo como o sistema de vasos comunicantes de que falavam os surrealistas. Ou antes, parece que Kafka apaga — silenciosamente, discretamente, imperceptivelmente — toda a fronteira entre sonho e realidade (Löwy, 2005, p. 195).

Essa apreciação de Löwy sobre o realismo empreendido por Kafka reconhece nos personagens do escritor a experiência subjetiva do ambiente familiar e social conturbados, emergindo choques físicos e corporais perceptivos das transmutações vivenciadas pelos personagens. Nossa análise das narrativas de Franz Kafka pelo viés dos corpos metamórficos de seus personagens teve como finalidade apresentar uma interpretação das questões existenciais e políticas relacionadas à família, ao trabalho, às instituições.

Com o apagamento da fronteira entre sonho e realidade, Löwy (2005, p. 197) percebe na literatura de Franz Kafka um tipo de realismo específico. Segundo ele:

Kafka é muito mais do que um escritor “realista” no sentido habitual do termo. Aquilo que ele exhibe em suas obras não é apenas a “realidade objetiva”, mas algo mais importante: uma experiência subjetiva, a dos indivíduos confrontados com os “aparelhos”. Seus romances são escritos do ponto de vista dos vencidos, daqueles que são triturados na engrenagem “racional” e “impessoal” da máquina burocrática (Löwy, 2005, p. 206-207).

De fato, os textos de Franz Kafka podem mostrar as fragilidades do ser humano e da sociedade na Modernidade, a alienação do mundo, os sistemas institucionais e burocráticos, mostrando, por um lado, uma resignação à sua condição existencial e ao contexto das metamorfoses, e, por outro lado, revelando uma insubmissão às regras do mundo, e sofrendo as consequências no corpo por não ser insubmisso às normas (sociais, jurídicas, políticas e familiares).

Löwy (2005) apresenta um Kafka “insubmisso” que não se limita a propor uma saída para a humanidade por meio da literatura, mas que compõe nexos subterrâneos despercebidos, criando um universo literário impreciso, oblíquo e escorregadio. O jurista encontra na metamorfose do personagem Gregor Samsa uma insurgência contra a autoridade das normas, da natureza, da família, da sociedade capitalista. Essa insubmissão pode levar o jurista como um leitor crítico a tentar compreender o mundo a seu redor pelo viés do inconformismo e do absurdo. Essa insubmissão em Kafka é sobretudo um recurso estilístico que aponta para a liberdade da criação literária, sem negar a tradição.

A respeito das metamorfoses em Kafka comportarem uma forma de subversão à ordem socialmente estabelecida, no livro *Contar a Lei*, o filósofo belga François Ost (2004) assinala que em Kafka a metamorfose em animal ou de hibridação homem-animal encontra um desregramento da função simbólica, evidenciado pela relação do sujeito com o regulamento e a lei.

Portanto, os personagens de Franz Kafka, imersos em situações que se traduziram em metamorfoses, afetam o leitor em sua postura com relação aos absurdos do cotidiano, dos quais o discurso jurídico e o sistema judicial fazem parte. O leitor, espantado ou indignado frente ao personagem Gregor Samsa metamorfoseado, pode ser trazido à reflexão sobre a própria atitude diante do mundo.

A aparente resignação com que os personagens Kafkianos suportam viver em um mundo tão degradante e absurdo sem se rebelar pode abalar o leitor. Mas suportar essa vivência de opressão, familiar, burocrática e social, como no caso de Gregor Samsa, parece ser o grito de revolta (insubmissão), ainda que sufocado nas linhas literárias de Franz Kafka.

François Ost (2004) aborda a influência mútua entre direito e literatura, analisando as fontes do imaginário jurídico e tecendo comentários sobre obras literárias escolhidas, dentre as quais as do autor Franz Kafka. Embora Ost se atenha à análise de *O processo* (de Franz Kafka), alguns de seus apontamentos são também pertinentes para a obra *A metamorfose*, pois as sombras da burocracia moderna tecnocrática e impessoal que aparecem *O processo* também são sentidas em *A metamorfose* nas costas do trabalhador Gregor Samsa.

O leitor especializado (estudantes, juristas e operadores do direito) experimenta a possibilidade de se interpretar o direito presente na literatura de Franz Kafka, por meio do olhar do narrador da obra *A metamorfose*, construindo uma crítica ao direito no imaginário do jurista.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta análise da metamorfose de Gregor Samsa como causa e consequência de sua insubmissão à ordem estabelecida, portanto à lei, destacou-se a monstruosidade como um modo de se interpretar o direito presente na literatura de Franz Kafka (especificamente, na obra literária *A metamorfose*) e de se observar o impacto deste mesmo direito no imaginário

dos juristas-leitores, atravessados por temas como absurdo, burocracia, culpa e medo, vivenciados pelos personagens e pelo próprio leitor.

No mundo desses personagens de Kafka, os juristas-leitores são convidados a perscrutar a sociedade em que se vive, por meio da literatura, gerando a possibilidade de uma reflexão sobre sua própria situação como indivíduo e como operador do direito, pois esse conteúdo social em forma de crítica está expresso em linguagem literária a ser lida pelo leitor.

Ressalte-se a dimensão crítica e subversiva da narrativa de Franz Kafka analisada. Em consonância com Ost (2004) e Löwy (2005), compreende-se a escrita de Kafka como uma crítica ao direito, à sociedade e ao sistema capitalista, e não apenas uma expressão da angústia individual do escritor.

Nesse entendimento, a construção de uma crítica à burocracia, ao autoritarismo e às estruturas de poder, revelando a alienação do indivíduo em face do sistema capitalista, é uma possibilidade de interpretação para os efeitos de sentido do corpo metamórfico do personagem Gregor Samsa que se apresentam na obra analisada *A metamorfose*.

Na narrativa de Franz Kafka *A metamorfose*, a figura do narrador, nas suas diversas facetas, contribui para a construção de uma crítica à sociedade e à lei (normas sociais e jurídicas), imprimindo uma marca de desolação no personagem metamorfoseado em um inseto e no próprio leitor, ao levantar problemas como o da alienação da sociedade capitalista, suas instituições burocráticas, a família, o trabalho, e o próprio ordenamento jurídico.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. Defesa de Kafka contra os seus intérpretes. In: *Ideia da prosa*. Lisboa: Cotovia, 1999. p. 135-136.
- ANDERS, Günter. *Kafka: pró e contra*. Os autos do processo. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- BLANCHOT, Maurice. *De Kafka a Kafka*. Trad. Davi Andrade Pimentel. Florianópolis: Brasiliense, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Tradução de Cíntia Vieira da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

KAFKA, Franz. *A metamorfose*. Trad. e posfácio de Modesto Carone. São Paulo: Editora LIMA, Lidiany Caixeta de. *Verdade, corpo de delito e punição Na Colônia Penal, de Franz Kafka: encontros e desencontros entre as tessituras narrativas dos discursos literário e jurídico*. Dissertação (mestrado em estudos literários) – UFU, Uberlândia, 2021.110f.

<http://doi.org/10.14393/ufu.di.2021.84>

LÖWY, Michael. *Franz Kafka: Sonhador insubmisso*. Trad. Gabriel Cohn. Rio de Janeiro:

MORAÑA, Mabel. *El monstruo como máquina de guerra*. Madrid: Iberoamericana, 2017.

OST, François. Kafka ou alguém da lei. In: *Contar a lei: as fontes do imaginário jurídico*. Trad. Paulo Neves. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004. 383-461.

RIBEIRO, Léo Gilson. O mundo demoníaco de Kafka. In: *Cronistas do Absurdo*. Rio de Janeiro: José Álvaro editor, 1964.

SCHWARZ, Roberto. Uma barata é uma barata, uma barata. In: *A sereia e o desconfiado: ensaios críticos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965. p. 42-55.